

INSTITUTO COPPEAD DE ADMINISTRAÇÃO / UFRJ

ABDULRAHEEM SIKIRU ONIPE

SEGURANÇA DO GOLFO DA GUINÉ ATRAVES DOS ESFORÇOS COLETIVOS:
desafios e perspectivas

Rio de Janeiro
2011

ABDULRAHEEM SIKIRU ONIPE

SEGURANÇA DO GOLFO DA GUINÉ ATRAVES DOS ESFORÇOS COLETIVOS:
desafios e perspectivas:

Monografia apresentada à ao Instituto Coppead de Administração, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos à obtenção do certificado de conclusão de Curso. Especialização em Gestão Empresarial – Turma 2011

Orientador: J Oliveira

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2011

RESUMO

A região do Golfo da Guiné (GG) tem grandes depósitos de hidrocarbonetos e outros recursos naturais. A região acolhe competição internacional intensa entre nações industrializadas que procuram novas, mais seguras e mais confiáveis fontes de energia e estão fazendo grandes investimentos na região. Estes grandes investimentos e atividades de transporte aumentadas tem impulsionado o perfil de receita dos Estados membros, ao mesmo tempo expondo a região a riscos de segurança. Assim, criando questões de segurança desafiadoras, incluindo o aumento da pirataria, a caça ilegal, a proliferação de armas de pequeno porte, o tráfico humano, o tráfico de drogas, o terrorismo e a exploração ilícita de petróleo. Estas ameaças emergentes, se não forem controladas, podem levar a região à instabilidade e afetar negativamente o seu desenvolvimento econômico, social e político. Além disso, a vasta área do GG apresenta um grande desafio para os Estados-membros: sustentar uma força protetora na região. Este problema é agravado pela capacidade relativamente baixa das marinhas dos países da região. A incapacidade da maioria das marinhas para policiar além das suas águas territoriais expõe as zonas marítimas vulneráveis à exploração. Este estudo argumenta que a segurança coletiva é a melhor opção para enfrentar as ameaças emergentes na região.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O CENÁRIO ESTRATÉGICO DO GOLFO DO GUINÉ.....	8
2.1 Aspectos geográficos.....	8
2.2 Recursos naturais.....	9
2.3 A importância estratégica da região.....	10
2.4 Os interesses externos no Golfo da Guiné.....	12
2.5 As ameaças emergentes no Golfo da Guiné	15
2.5.1 A pirataria.....	16
2.5.2 O terrorismo.....	17
2.5.4 As implicações das ameaças emergentes na região.....	19
3 OS MECANISMOS DA SEGURANÇA NO GOLFO DA GUINÉ.....	23
3.1 Abordagens atuais para a segurança no GG.....	23
3.2 Um breve panorama da capacidade de defesa marítima dos estados GG.....	24
3.3.1 ECOWAS.....	25
3.3.2 Comissão do Golfo da Guiné.....	26
3.4 Os esforços internacionais para a segurança no GG.....	27
3.5 Os desafios à segurança coletiva no GG.....	28
3.5.1 A falta de cooperação marítima.....	29
3.5.2 A ausência de Marinhas Funcionais.....	29
3.5.3 O financiamento inadequado.....	30
3.5.4 A instabilidade política.....	31
3.5.5 A percepção negativa da Nigéria.....	31
3.5.6 A influência externa.....	31
3.5.7 O conflito de interesses e diversidade na língua	32
3.5.8 A falta de interoperabilidade.	32
3.6 Estudo de caso do modelo de segurança coletiva no Golfo Persico.....	33
3.7 As perspectivas para segurança coletiva no GG.....	35
3.7.1 O estabelecimento de um mecanismo segurança coletiva.....	35
3.7.2 O desenvolvimento da capacidade humana.....	36
3.7.3 O estabelecimento de JMCs.....	37

3.7.4 O rejuvenescimento das marinhas do GG.....	37
3.7.5 O reforço da cooperação e da interoperabilidade entre as marinhas do GG....	38
3.7.6 O desenvolvimento de parcerias estratégicas.....	38
4 CONCLUSÃO.....	40
REFERENCIAS.....	42
ANEXO A.....	45
ANEXO B.....	46

1 INTRODUÇÃO

A região do Golfo da Guiné (GG) possui grandes depósitos de hidrocarbonetos e outros recursos naturais. O GG se estende desde a costa atlântica e da massa de água adjacente a partir de Angola, na África Central, até chegar à Costa do Marfim na África Ocidental. Existe agora, nesta região, um incremento da competição internacional entre os países industrializados que estão à procura de novas, mais seguras e mais confiáveis fontes de energia, em razão da crise no Oriente Médio. Esta competição trouxe o aumento das atividades na região nos últimos anos. Tal corrida pelo petróleo extra-regional, ao impulsionar a economia da região do GG também a expõe a riscos de segurança. Além de trazer perspectivas positivas para a sub-região, esse crescimento das atividades criou questões de segurança desafiadoras, incluindo o aumento da pirataria, a caça ilegal, a proliferação de armas de pequeno porte, o tráfico humano, o tráfico de drogas, o terrorismo e a exploração ilícita de petróleo. Esses problemas de segurança precisam ser abordados para tornar o ambiente marítimo do GG seguro para os investidores e para salvaguardar os interesses de segurança e economia dos Estados-membros da região e o povo.

As ameaças emergentes da segurança no GG, se não forem controladas, podem levar a região à instabilidade e afetar negativamente o seu desenvolvimento econômico, social e político. Além disso, a vasta área do GG apresenta um grande desafio para os Estados-membros: sustentar uma força protetora na região. Este problema é agravado pela capacidade relativamente baixa das marinhas dos países da região. A incapacidade da maioria das marinhas para policiar além das suas águas territoriais expõe as zonas marítimas vulneráveis à exploração.

O propósito deste estudo é examinar o uso de esforços coletivos de segurança como uma opção viável para enfrentar os desafios na defesa do GG. Especificamente, esse

estudo exploraria formas de implementação e sustentação dos esforços de segurança conjunta dos Estados membros, bem como identificaria as áreas onde os países estrangeiros com interesses na região podem contribuir para a segurança do GG. No entanto, este estudo terá como base a hipótese de que um acordo de segurança coletivo viável pode ser alcançado e que os Estados do GG seriam mais beneficiados individualmente através de tais esforços coletivos de segurança.

A justificativa para o desenvolvimento deste trabalho se pauta na atualidade da questão da segurança na região. Existe uma necessidade crescente de encontrar soluções para os problemas de insegurança na GG. É importante continuar a investigação sobre este problema e recomendar as soluções possíveis. Esta tese irá beneficiar políticos e autoridades navais dos estados responsáveis pela defesa e segurança da região do GG. Ele vai subsidiar a formulação de políticas adequadas para a defesa marítima da região em geral. O estudo deverá contribuir para o conhecimento, preencher lacunas na literatura sobre a defesa marítima e servir como material de pesquisa para futuros estudos sobre o domínio marítimo do GG.

No aperfeiçoamento do estudo, os dados relevantes foram obtidos de fontes primárias e secundárias. Os dados primários foram coletados através de entrevistas diretas com alguns comandantes da Marinha que haviam realizado operações de patrulha na região. Dados secundários foram provenientes de livros, apresentações dos seminários, materiais publicados e não publicados, informações de sites, revisão de alguns títulos selecionados e outras publicações relevantes. Para garantir a autenticidade dos dados, uma análise qualitativa e comparativa de dados obtidos de diversas fontes foi realizada, a fim de estabelecer a sua credibilidade e confiabilidade.

O próximo capítulo deste trabalho discutirá o cenário estratégico do GG e analisará interesses estrangeiros, bem como as ameaças emergentes na região.

2 O CENÁRIO ESTRATÉGICO DO GOLFO DO GUINÉ

2.1 Aspectos geográficos

O GG é uma parte estratégica do Oceano Atlântico e está localizado na intersecção do Equador e Meridiano de Greenwich. É uma grande extensão do Oceano Atlântico, formado pela curva da costa da África Ocidental. A região pode ser definida como doze países que compartilham cerca de 3.400 milhas de litoral comum¹ (ver figura em anexo A). A partir do noroeste os países estão a Libéria, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benin, Nigéria, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, República do Congo, República Democrática do Congo e Angola. A região também inclui São Tomé e Príncipe, uma ilha localizada a 200 quilômetros da costa do Gabão.

A região GG é uma grande extensão de área marítima, sem pontos de estrangulamento, como o Estreito de Singapura, Malaca e no Golfo do México. Assim, a navegação dentro do GG é mais segura e menos pesada quando comparada com outras rotas marítimas em torno de outros oceanos. O GG é também uma pista vital para o comércio marítimo mundial. Da mesma forma, é vital para a exportação e importação dos países sem litoral na região.

Os estados desta região têm diferentes laços coloniais. As línguas faladas em toda a região incluem Inglês, Francês, Português e Espanhol. A população da região é estimada em mais de 300 milhões; com a Nigéria contabilizando sozinha mais da metade da população - 160 milhões de pessoas.² A sua riqueza em petróleo e sua massa de terra rica de cerca de 350.000 milhas quadradas faz da Nigéria um estado dominante na região em termos de recursos humanos e materiais. Com uma Zona Econômica Exclusiva (ZEE) 200mn, o

¹ 37 Raymond Gilpin, "Enhancing Maritime Security in the Gulf of Guinea," Strategic Insights, Vol. VI, No. 1 (2007).

² "Nigeria: Facts and Figures," http://encarta.msn.com/fact_631504831/Nigeria_Facts_and_Figures.html, accessed 27 July 2011.

domínio marítimo da região é de cerca de 680.000mn quadradas e manter a segurança efetiva sustentada ao longo deste vasto domínio marítimo tem sido um grande desafio para os estados regionais.

2.2 Recursos naturais

O GG é dotado de recursos naturais vivos e não-vivos. Os recursos vivos incluem peixes, camarões, lagostins, lagostas, tartarugas e caranguejos. Peixes e camarões são conhecidos por serem os melhores recursos vivos do mar desta região. Estes recursos vivos são bem conhecidos como fontes alternativas de proteína para a população geral. Estima-se que o potencial de produção anual de peixes e camarões é 5.830.000 toneladas a partir do qual uma colheita de apenas cerca de um milhão de toneladas é feita anualmente.³ Pescadores ilegais fazem a maior parte dessa colheita. Ulrich postulou que as atividades de pesca ilegais, não declaradas e não regulamentadas, geram entre \$4 bilhões e \$9 bilhões por ano.⁴ Isto implica que os estados que constituem a GG são incapazes de proteger os recursos dentro de seu domínio marítimo. Conseqüentemente, os estados da região GG precisam considerar arranjos de segurança mais recentes capazes de verificar as atividades dos pescadores ilegais na região, economizando assim muitas divisas para as nações envolvidas.

Os recursos não-vivos encontrados no GG incluem gás natural, depósitos de hidrocarbonetos, cobalto, níquel, columbita tantalita (a matéria-prima utilizada em telefones celulares, satélites e equipamentos de telecomunicações) e nódulos de manganês, entre outros. A região é uma das províncias de hidrocarbonetos do mundo. Estima-se que o GG tem mais de 14 bilhões de barris de reservas de petróleo e, potencialmente, tem as maiores

³ Food and Agricultural Organization Annual Report 2006, United Nations Food and Agricultural Organization.

⁴ H Ulrich, "Remarks at Seapower for Africa Symposium", Abuja, May 2006.

reservas de petróleo em águas profundas do mundo.⁵ Assim, as reservas de gás e petróleo da região são comparáveis às do Golfo do México e e suas reservas potenciais de petróleo no mar são iguais às do Kuwait.⁶

Analistas e representantes das principais empresas petrolíferas concordam em suas previsões de que a produção aumentará rapidamente nas próximas décadas. Espera-se que o volume de produção de petróleo de nações como a Nigéria e Angola aumente significativamente no futuro próximo e, assim, provavelmente determine o movimento do comércio de petróleo do mundo no futuro.⁷ O quadro no Anexo B mostra a produção projetada de petróleo no GG em barris por dia para o período 2010-2030.

Todos esses recursos colocam o GG numa posição estratégica entre as regiões globais. No entanto, a falta de segurança e instabilidade na região provocam anualmente enormes perdas de receitas provenientes destes recursos para os estados. Surge, portanto, a necessidade de uma defesa eficaz do meio ambiente marítimo regional por estados litorâneos.

2.3 A importância estratégica da região

A importância geo-estratégica do GG emana principalmente, dos recursos não-vivos e, em menor medida, de seus recursos vivos. Além das grandes reservas de petróleo, a região também tem muitas vantagens sobre outras regiões petrolíferas. Essas vantagens incluem sua localização estratégica dentro de uma região de fácil acesso, com riscos de navegação baixo.⁸ Além disso, a viscosidade do petróleo bruto da região é mais

⁵ Berger, Mark T. *The Battle of Asia: From Decolonization to Globalization*. New York: Routledge Curzon, 2004.

⁶ Peterson, John E. "The Historical Pattern of Gulf Security," in Lawrence G. Potter and Gary G. Sick, eds., *Security in the Persian Gulf: Origins, Obstacles, and the Search for Consensus* (New York: Palgrave, 2001).

⁷ Lutz Neumann, "European Policy and Energy Interests: Challenges from the Gulf of Guinea, Oil Policy," in Rudolf Traub-Merz and Douglas Yates, *Oil Policy in the Gulf of Guinea: Security and Conflict, Economic Growth, Social Development*. International Conference Proceedings, Nigerian National War College, 2004, 59-67.

⁸

apropriada para refinarias de petróleo, já que produz grande volume de gasolina.⁹ O petróleo bruto da região é de melhor qualidade do que da América Latina, com gravidade API¹⁰ tipicamente acima de 30° e muitas vezes perto de 40°, enquanto que o petróleo da América Latina raramente ultrapassa a marca de 30°. ¹¹ O petróleo bruto da região GG contém pouco enxofre pelos padrões internacionais, uma característica apreciável para as empresas de refino de petróleo internacional.¹² O petróleo do GG é, na maior parte, extraído dos campos no mar alto, bem protegido da instabilidade política e da turbulência em algumas das nações na região.¹³

Os numerosos pontos de estrangulamento no trânsito enfrentados por outras nações produtoras de petróleo aumentam a vantagem comparativa dos produtores no GG, contribuindo para a facilidade de transporte, menores custos, menos riscos ambientais e menos problemas de segurança. Além disso, a produção de gás natural liquefeito da Nigéria, Angola e Guiné Equatorial deverá subir de 9 toneladas por ano para 40 toneladas métricas por ano antes do final da década.¹⁴ Os principais atores multinacionais de petróleo operam mais de 83 plataformas fixas, 13 flutuantes e 20 estações de bombeamento flutuante no mar.¹⁵ Estima-se que até 2013, esse número deverá subir para 159 plataformas fixas alimentadas por mais de 700 poços, e um adicional de \$30 - \$40 bilhões em investimentos somente nesta década.¹⁶

Do exposto, é lógico que o GG está emergindo como um importante produtor e exportador de energia. Assim, ele está recebendo toda a atenção necessária do mundo

⁹ Berger, Mark T. *The Battle of Asia: From Decolonization to Globalization*. New York: Routledge Curzon, 2004.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Damian Ondo Mane, "Emergence of the Gulf of Guinea in the Global Economy: Prospects and Challenges," IMF Working Paper, <http://www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2005/wp05235.pdf>, Internet: accessed 27 July 2011.

¹² *Ibid.*

¹³ *Ibid.*

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Ibid.*

ocidental e de alguns países asiáticos como a China. A importância geo-estratégica do GG será sempre apreciada enquanto o petróleo e o gás continuarem a impulsionar a economia do mundo. No entanto, para a região obter propriamente a riqueza de hidrocarbonetos ela deve avaliar os interesses e as ameaças de segurança correspondentes associados aos enormes investimentos na região e desenvolver estratégias de segurança claramente definidas para proteger esses interesses.

2.4 Os interesses externos no Golfo da Guiné

O interesse renovado dos EUA no GG poderia ser atribuído ao rescaldo do ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001, quando grupos terroristas bombardearam o World Trade Center em Nova York e ao Pentágono, na Virgínia. Este evento levou à Segunda Guerra do Golfo em 2003 e, conseqüentemente, a instabilidade no Golfo Pérsico. Além disso, as relações turbulentas entre os EUA e Hugo Chávez da Venezuela também afetaram suas relações econômicas. O Golfo Pérsico e a Venezuela são os principais fornecedores de petróleo para os EUA. Esses dois fatores podem ter influenciado grandemente a mudança de política dos EUA para a África em geral e para o GG, em particular.¹⁷ Daí, o surgimento de GG nos cálculos estratégicos dos EUA levando este último a começar a contemplar um interesse renovado e mesmo a presença na região. Conseqüentemente, a Marinha dos Estados Unidos (USN)¹⁸ tem recentemente implantado embarcações na região. Segundo o Secretário da USN, a presença da marinha americana no GG se destina a:

“... Melhorar nossas operações nas regiões da África sem governo, e que o GG, por exemplo, é uma área onde a presença da marinha enviaria uma mensagem forte, para operações de segurança, estabilidade e reconstrução

¹⁷ Dieterich, 28.

¹⁸ USN, em Inglês, “United States Navy”

que são necessários nesta região importante; e os EUA, juntamente com o nosso aliados da OTAN, vai estar lá para ajudar.”¹⁹

Além disso, para mostrar a seriedade do interesse renovado EUA na região, o governo dos EUA estabeleceu um comando separado para a África chamado Comando Africano (AFRICOM).²⁰

Da mesma forma, a União Europeia (UE) também tem interesses sérios na região. A UE é o terceiro maior destino de exportação de petróleo do GG após América do Norte e Ásia. Em novembro de 2000, a Comissão Europeia publicou um Livro Verde sobre a segurança do abastecimento energético com os achados centrais como:

“A UE está a consumir mais e mais energia e consumir produtos mais e mais energia. A produção comunitária é insuficiente para as necessidades de energia da União. Como resultado, a dependência externa de energia está aumentando constantemente.”²¹

O relatório também observou que a dependência energética de alguns países da Europa como França, Portugal, Espanha e Alemanha em relação ao petróleo e gás é alto e vai subir em correlação com os suprimentos em declínio a partir do Mar do Norte.²² Se o desenvolvimento atual é projetado para os próximos 20 anos, 70 por cento das necessidades energéticas em vez dos 50 por cento presentes, será coberta por importações.²³ Uma boa porcentagem desta projeção seria provavelmente proveniente da região GG confirmando assim o interesse da UE em hidrocarbonetos das regiões.

No caso dos países BRICS²⁴, somente a China e o Brasil estabeleceram interesses sérios na GG. Em um esforço para assegurar futuros suprimentos de petróleo 'na fonte', a China se mudou para a região GG que era tradicionalmente dominado pelos EUA e

¹⁹ ThisDay Newspaper (Nigeria), Sunday 20 June 2004, pp. 24-25.

²⁰ AFRICOM, em Inglês, “Africa Command”

²¹ NNPC Working Paper, “The Gulf of Guinea: Ensuring Availability, Security and Stability of Hydrocarbon Resources in the Niger Delta”, p. 63.

²² Ibid.

²³ Ibid.

²⁴ BRICS, em Inglês “Brasil, Russia, India, China, South Africa”

UE.²⁵ É pertinente observar que a China é o segundo maior consumidor de petróleo, daí a sua estratégia agressiva e multifacetada para garantir o abastecimento confiável de petróleo bruto de África.²⁶ Para a consolidar as relações comerciais com a África, ela estabeleceu um fórum de cooperação China-África em 2000, que opera no nível Ministerial.²⁷ As petrolíferas chinesas têm obtido os direitos de exploração em Angola e Nigéria. Ela também ofereceu investimentos em energia ao Gabão e a Guiné Equatorial.²⁸ A China é capaz de conseguir isso dentro de um curto período de tempo através da oferta de empréstimos para infraestrutura para os estados membros GG.

O interesse do Brasil na GG foi defendido por sua Companhia Nacional de Petróleo, a Petrobras, tendo reconhecido a GG como uma das áreas em expansão na exploração em águas profundas e produção de petróleo, onde todas as maiores companhias internacionais de petróleo estão presentes. Em 1998, a Petrobras iniciou licitações agressivas para blocos de petróleo na região. Em 2000, a Petrobras foi uma das maiores concorrentes nos leilões da Nigéria no bloco petrolífero.²⁹

A partir deste novo estatuto em 1998, a Petrobras passou rapidamente a participar em quatro blocos de águas profundas, dois em fase de exploração e os outros dois blocos em fase de desenvolvimento. O pico de produção da Petrobras apenas na Nigéria atingiu 105 mil barris de petróleo por dia em meados de 2009.³⁰ Com companhias de petróleo lutando para substituir as reservas em um cenário de alta do preço do petróleo, uma competição feroz pela área de exploração novo pode ser facilmente previsto e a Petrobras está posicionada para continuar aumentando seus investimentos na região. Além disso, o Brasil

²⁵ F W Engdahl, “USA Outflank in Euroasia Energy Politics” accessed through <http://www.globalreserach.ca/index.php?context=viewarticle&code=ENG20060603&articleid=2571> on 25 July 2011.

²⁶ F Cedoz, Esq et al, **Op. Cit.** pp.23-24.

²⁷ DL Goldwyn and SJ Morrison, “A Strategic US Approach to Governance and Security in the Gulf of Guinea”, A report of the CSIS Task Force on Gulf of Guinea Security, July 2005, p. 17.

²⁸ F W Engdahl, **Op. Cit**

²⁹ The Fuqua School of Business, 2010. Duke University, 1 Towerview Drive, Durham, NC 27705, USA. Petrobras in Nigeria: Valuation of the Agbami Oil Field

³⁰ Ibid.

tem recentemente renovado esforços para melhorar as relações militares com os países da região através de construção de navios e de suporte militar no nível de formação. Isto indica o seu interesse em apoiar os esforços de segurança na região.

Do exposto, pode-se ver que a importância crescente da GG na economia global é de interesse máximo tanto para a região quanto para a comunidade internacional, daí a necessidade de assegurar a estabilidade da região. Desta forma, os estados produtores de petróleo na região vão se tornar fornecedores confiáveis de energia para o mundo. No entanto, se a região é instável em termos de segurança, ela se tornará um vetor para a violência e um refúgio seguro para terroristas em potencial.

2.5 As ameaças emergentes no Golfo da Guiné

A variedade de situações de ameaça existe no GG é bem conhecida, a maioria delas é bem conhecida, enquanto o terrorismo marítimo ainda está a emergir. As ameaças contemporâneas se manifestam na forma de pirataria e assaltos à mar, o crime organizado, incluindo assalto à mão armada, contrabando, tráfico de seres humanos e drogas, exploração ilegal dos recursos marinhos e a destruição dos recursos marinhos através de poluição. Essas situações acontecem em praticamente todo o domínio marítimo GG. Dados disponíveis sobre ameaças emergentes na região indicam um aumento do fenômeno da militância, particularmente no corredor marítimo Nigéria-Camarões-Guiné Equatorial. As atividades dos criminosos nesta área, nomeadamente, a pirataria, seqüestro e roubo de petróleo, se não forem controladas, podem ameaçar as linhas de comunicação marítimas; interromper o comércio, bem como acesso ao abastecimento de energia na região. Por esta razão, as potências estrangeiras tem cada vez mais procurado desempenhar papel mais ativo nas questões de segurança da região.

2.5.1 A pirataria

O aumento contínuo dos ataques de piratas em algumas regiões da África e a aparente incapacidade para combater a ameaça exigiram a atenção mundial.³¹ A violência dos últimos ataques ao largo da Somália têm demonstrado maior poder de fogo e uma capacidade mais alarmante para atacar o mar. Segundo o relatório anual da Agência Marítima Internacional (IMB)³² sobre pirataria e assaltos à mão armada contra navios, o número de ataques piratas no mundo aumentou 36 por cento nos primeiros seis meses de 2011, havendo 266 ataques contra 196 incidentes no mesmo período do ano passado. Mais de 60 por cento dos ataques foram realizados por piratas somalis.³³

A área do GG, em si, teve o segundo maior número de incidentes ficando para trás apenas o Golfo de Aden.³⁴ É importante notar que a IMB registra apenas incidentes denunciados com uma compreensão geral de que muitos não são notificados. O Centro de Relatórios de Pirataria do IMB lista os ataques regionais não confirmados para 2008 em aproximadamente 100.³⁵ Uma análise dos dados de 2003 até o presente indica que o problema é persistente. O número significativo de incidentes de pirataria na África Ocidental claramente resulta de uma incapacidade dos governos locais para enfrentar a ameaça. A costa da Nigéria é amplamente aceita como o ambiente marítimo mais perigoso do mundo. Só ela tinha mais de 40 incidentes relatados de pirataria, que envolvem violência física, inclusive a tomada de reféns, seqüestro, lesões e morte.³⁶ O IMB abordou a situação afirmando que "a menos que a pressão mundial contínua sobre as agências de aplicação da lei e dos governos

³¹ Berger, Mark T. *The Battle of Asia: From Decolonization to Globalization*. New York: Routledge Curzon, 2004.

³² *Ibid.*

³³ Biobaku, O. O. "Maritime Strategy and Strategy," lecture delivered at the Nigerian National War College, October 2005.

³⁴ *Ibid.*

³⁵ *Ibid.*

³⁶ *Ibid.*

seja exercida, os governos não vão dar a esse crime a prioridade que merece." A repressão bem sucedida só é alcançada através de uma vigilância combinada à consciência do domínio marítimo (patrulhamento, a aplicação da lei, e interdição) e medidas de segurança reforçadas para o transporte marítimo.

2.5.2 O terrorismo

Após o 11 de setembro, a maioria dos norte-americanos havia compreendido o impacto do terrorismo. Não era mais possível para os EUA esconder atrás da extensão de dois grandes oceanos e desconsiderar as inseguranças e instabilidades em todo o mundo. Cidadãos e políticos receberam uma aula rápida sobre os efeitos da globalização e os perigos impostos sobre as sociedades abertas e livres. Grupos radicais, com a intenção de destruir a sociedade ocidental, já atingiram a liberdade de movimento e refúgios vitais: duas chaves para seu sucesso.

A Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo publicado em setembro de 2006 apresenta uma capacidade de "negar aos terroristas o controle de qualquer nação que usaria como base e plataforma de lançamento para o terror" como uma prioridade crítica da ação.³⁷ Refúgios são mais notáveis em áreas de pouca ou nenhuma governabilidade, não limitadas por fronteiras controladas. O GG fornece refúgio ideal, mas os líderes africanos raramente mencionam o combate ao terrorismo como prioridade em suas agendas. O General Fulford, diretor do Centro Africano para Estudos Estratégicos, relata um tema comum aos líderes do Oeste Africano: "O terrorismo é um problema e uma ameaça para a estabilidade e a segurança do meu país, mas tenho problemas mais urgentes para focar agora".³⁸ O litoral

³⁷ Cheney, 16.

³⁸ Raymond Gilpin, **Op. Cit.**

vasto e de fronteiras porosas, bem como o controle deficiente do meio ambiente e pobreza generalizada, tornam a região vulnerável.

Os grupos terroristas tem demonstrado capacidade para utilizar os mares como meio de transporte e posicionamento de seus agentes e logística para provocar destruição, incluindo o uso de barcos carregados de explosivos como armas para outros navios, instalações portuárias ou plataformas no alto mar. A vastidão do domínio marítimo do GG oferece grandes oportunidades para a exploração por terroristas. Atividades terroristas, portanto, constituem uma ameaça latente para o domínio marítimo do GG.

Atualmente, a região parece desprovida de atividade significativa da Al Qaeda; no entanto, os crescentes ataques no leste da África prepararam o terreno para a futura migração para o oeste. De acordo com um relatório do Congresso dos EUA, publicado em 2003, a Al Qaeda já começou a criar conexões tênues em algumas partes da África Ocidental e Central.³⁹ De fato, a Nigéria sofreu muitos ataques a bomba entre 2010 e 2011 e estes foram atribuídos à Al-Qaeda. Um novo braço terrorista da Al-Qaeda chamado “Boko Haram”⁴⁰ está causando estragos no nordeste da Nigéria e ameaça mover para o ambiente GG no sul. Em 2011, o grupo terrorista bombardeou um quartel militar, a sede da Polícia nigeriana e outros locais importantes do governo. O ataque a bomba mais recente foi em 26 de agosto de 2011, quando o grupo atacou o sede da ONU na Nigéria, com um carro cheio de explosivos, matando 19 pessoas. A demanda principal do “Boko Haram” é que eles não querem que a influência ocidental ou norte-americano no país. Assim, um maior envolvimento dos EUA no GG, provavelmente irá aumentar a antipatia muçulmano-radical, criando um outro campo de batalha.

A criação do AFRICOM, por exemplo, é um símbolo do poder e influência americanos, e sua presença visível em torno da GG estabelece motivo e foco de atividades

³⁹ Peterson, John E. “The Historical Pattern of Gulf Security,” in Lawrence G. Potter and Gary G. Sick, eds., *Security in the Persian Gulf: Origins, Obstacles, and the Search for Consensus* (New York: Palgrave, 2001).

⁴⁰ Ibid.

terroristas. Osama Bin Laden, aparentemente reconhecendo a importância da região para a América e suas necessidades de energia, marcou a Nigéria para "a libertação" em um comunicado postado em 11 de fevereiro de 2003 na estação de televisão Al-Jazeera.⁴¹ A grande população muçulmana da Nigéria, cerca de 52 por cento dos seus 160 milhões de cidadãos, oferece uma base de recrutamento substancial para os grupos muçulmanos radicais em sua "jihad" global.⁴² Após a morte de Osama, o grupo Boko Haram na Nigéria aumentou a sua série de ataques contra cidadãos inocentes e agências governamentais na Nigéria.

É importante notar que grandes populações dentro do GG estão privados de direitos e desesperados; como tal, as minorias étnicas e grupos religiosos estão cercados de injustiças e, portanto, vulneráveis a influências terroristas. Os grupos insurgentes, como o Movimento para a Emancipação do Níger-Delta (MEND)⁴³ na Nigéria e redes de criminalidade transnacional fornecem a Al Qaeda uma fundação sobre a qual construir. Eles facilitam um mecanismo para mover armas, pessoas e dinheiro, componentes vitais para suas operações. Como a longa guerra no terror progride, o GG vai se tornar mais importante estrategicamente, aumentando assim a probabilidade do aumento da atividade terrorista. Esta situação reforça a necessidade urgente de políticas de segurança mais fortes na região.

2.5.3 Outras atividades criminosas (tráfico de seres humanos, narcóticos e pesca ilegal)

A região do GG está repleta de violência e atividade ilegal. O mau governo e a aplicação insuficiente da lei proporciona uma situação onde "o crime compensa".⁴⁴ Na verdade, a vida na região marítima se tornou sinônimo de ilegalidade. Os governos tem sofrido com dois fatores decisivos: primeiro, a falta de motivação genuína e vigilância para a

⁴¹ Groove, Eric. *The Future of Sea Power*. Annapolis: U.S. Naval Institute Press, 1990 revised in 2010.

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ The International Institute of Strategic Studies, *The Military Balance 2007*, (London: Routledge, 2007), p.286.

missão parece generalizada nos círculos de liderança. Em segundo lugar, mesmo quando o esforço legítimo é aplicado para combater atividades criminosas, uma insuficiência de fundos, recursos e experiência gera poucos resultados. As economias locais, incapazes de competir, encontram na atividade ilegal maior rentabilidade, resultando em um desafio quase intransponível para a segurança.

O tráfico de seres humanos tornou-se um negócio alarmante no GG. A região funciona como fonte, ponto de trânsito e região de destino para mulheres e crianças, principalmente procuradas para trabalhos forçados e exploração sexual. Apenas na Nigéria, estima-se que cerca de 12 milhões de crianças entre as idades de 10 e 14 foram vítimas.⁴⁵ O alto percentual de economias agrícolas baseadas na África Ocidental e Central consistentemente demanda um grande volume de mão de obra barata, oferecendo condições propícias para o tráfico, enquanto redes de prostituição na Europa fornecem compensação lucrativa e exacerbam o comércio ilegal.

A acessibilidade marítima da GG para os mercados lucrativos da Europa e das Américas também o torna uma rota principal para narcóticos ilegais. O relatório das Areas de Crescimento de Narcóticos e Rotas de Tráfico de 2009 ilustra a extensão da participação da região no comércio global. Países locais atuaram como uma estação de transferência, tendo drogas da América do Sul e Leste da Ásia, e distribuindo-os para a Europa e os EUA. Uma previa da Interpol estima que 200 a 300 toneladas de cocaína são contrabandeadas somente para a Europa, 27 por cento dos quais fluem através do GG.⁴⁶ O imenso litoral e o vasto espaço aberto, juntamente com recursos limitados e supervisão inadequada criam fronteiras praticamente abertas. O narcotráfico representa uma grave ameaça; no entanto, nenhuma resposta adequada é aparente.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Op Cit.

A pesca ilegal é um outro desafio na região. Além de vastas reservas de petróleo e minerais estratégicos, o GG possui algumas das mais abundantes áreas de pesca do mundo, um outro recurso atormentado de problemas. De acordo com a Organização para Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, 350 milhões dólares em receita são perdidos anualmente devido à pesca ilegal, não declarada, ou não licenciada.⁴⁷ Essas práticas de pesca abusiva reduzem a pesca vital em até 30 por cento, minando a indústria de pesca local e impactando as taxas de aterragem, licenças e impostos, uma fonte de renda necessária para a comunidade.⁴⁸ Além disso, em muitos países, o peixe é um alimento básico essencial. Em Gana, a Guiné Equatorial e São Tomé e Príncipe, por exemplo, o peixe corresponde a mais de 60 por cento de proteína total consumida pela população.⁴⁹ Portanto, uma incapacidade de monitorar e gerenciar zonas locais de exclusão econômica deteriora ainda mais a segurança da região e afeta diretamente o modo de vida e saúde da população local. Consequentemente, com a diminuição dos lucros e diante da impossibilidade de progredir economicamente, os pescadores locais estão cada vez mais se voltando para as drogas e o tráfico ilegal como forma de aumentar seus rendimentos escassos.

2.5.4 As implicações das ameaças emergentes na região

Enquanto as ameaças mencionadas acima não são peculiares ao GG, a região parece ter sido mais exposta a essas ameaças emergentes. Evidentemente, as riquezas naturais da região vão continuar a atrair interesses internacionais que, por extensão, continuarão atraindo criminosos interessados em tirar proveito de quaisquer falhas de segurança na região. Dada a crescente importância da GG na economia global, é de extremo interesse tanto

⁴⁷ BP 2003 Statistical Review of World Economy in Jean-Christopher Servant. "The New Gulf Oil States,"

⁴⁸ DL Goldwyn and SJ Morrison, "A Strategic US Approach to Governance and Security in the Gulf of Guinea", A report of the CSIS Task Force on Gulf of Guinea Security, July 2005

⁴⁹ Ibid.

da região quanto da comunidade internacional garantir a estabilidade no Golfo. De fato, se esta região permanece estável, naturalmente países detentores de recursos crescerão como fornecedores de confiança. Por outro lado, se a região permanecer exposta às ameaças emergentes, ela irá criar choques para a economia global, além de tornar-se um vetor de violência, um paraíso em potencial para o terror, e um lugar onde as normas democráticas, direitos humanos e ambientais padrões são constantemente violados.

As consequências econômicas e sociais das ameaças recorrentes em águas GG podem se agravar se as ameaças persistirem, podendo comprometer a estabilidade política e o desenvolvimento econômico da região. Em particular, pirataria e assaltos à mão armada contra navios constituem uma ameaça séria às vidas dos marítimos, a segurança da navegação, o ambiente marinho, a segurança dos estados costeiros, bem como o direito de passagem inocente em áreas sob a soberania de um estado costeiro. A este respeito, o custo acrescido do seguro de transporte ou mesmo boicote total de alguns portos GG por linhas de transporte marítimo não podem ser descartados.

As discussões, até agora, destacaram a situação geo-estratégica no GG e a necessidade de maior segurança na região. O próximo capítulo vai olhar para as limitações e os desafios enfrentados pelas nações GG para garantir a segurança e reforçar a segurança na região.

3 OS MECANISMOS DA SEGURANÇA NO GOLFO DA GUINÉ

Ao discutir os mecanismos da segurança no GG, este capítulo examinará as abordagens atuais para a segurança na região e avaliara as contribuições de organizações regionais e internacionais para a segurança no GG.

3.1 Abordagens atuais para a segurança no GG

Atualmente, a segurança no GG aparece deficiente e descoordenada. Estados membros da região são independentemente responsáveis por patrulhar suas próprias águas. No entanto, a presença naval sustentada e a projeção de poder marítimo pelas marinhas da região são muito limitadas e deixam muito a desejar. Questões de segurança como o abastecimento ilegal, o tráfico ilegal de armas, a exploração não autorizada dos recursos naturais estão aumentando a cada dia e continuam a ameaçar a região. A magnitude de crescimento dessas ameaças emergentes na região aponta para a fragilidade da atual abordagem individual por parte dos Estados membros.

Historicamente, a estrutura de segurança dentro dos estados GG foi centrada na área de dominação e perpetuação do regime; deixando de lado o controle e segurança marítimos.⁵⁰ Naturalmente, a infra-estrutura marítima dentro desses estados se deterioraram, causando uma grave incapacidade para manter a percepção do domínio marítimo e a segurança na região.⁵¹ Os estados GG são severamente limitados em sua capacidade de atingir a percepção do domínio marítimo, e muito menos controlar efetivamente ou garantir suas águas. Sem uma capacidade de identificar, monitorar e interditar as ameaças potenciais, a região continuará a ser refém de atos de ilegalidade.

⁵⁰ Gilpin, "Enhancing Maritime Security in the Gulf of Guinea." 1

⁵¹ White House, "The National Strategy for Maritime Security." 1.

Além da abordagem para a segurança tradicionalmente centrada em terras que contribui para a negligência das forças marítimas, outro problema é a incapacidade dos líderes regionais para fazer da estratégia de segurança marítima um foco importante da política regional. A situação contribui imensamente para a incapacidade da maioria das marinhas GG para projetar forças e garantir o controle do mar fora das respectivas águas territoriais. A abordagem individualista contra ameaças de segurança emergentes não se revelou eficaz. Este cenário indica um potencial de crises de dimensões nacionais e internacionais na região se não for controlado. Assim, uma abordagem multinacional para a segurança seria imperativo e as marinhas da região seriam obrigados a desempenhar um papel importante na implementação. Um breve panorama da capacidade de defesa marítima dos estados GG oferece uma visão clara da situação da segurança marítima nesta região.

3.2 Um breve panorama da capacidade de defesa marítima dos estados GG

A segurança marítima do GG é da responsabilidade das marinhas da região. Geralmente, as marinhas são categorizados como globais, oceânicos, litorais e costeiras com base em seu alcance geográfico.⁵² No entanto, as marinhas do GG podem ser classificadas em costeira, polícia e marinhas simbólica em virtude de sua estrutura de força e capacidades. A Marinha da Nigéria está classificada como uma marinha costeira, com o potencial de se tornar uma marinha contígua.⁵³ As marinhas de Gana, Camarões e Angola são categorizados como marinhas policiais enquanto os do Gabão, Guiné Equatorial e República Democrática do Congo são classificados como marinhas simbólica. São Tomé e Príncipe, de acordo com a classificação, não tem uma marinha e não tem capacidade de defesa marítima.⁵⁴

⁵² Ekoko AE and Vogt MA, Nigerian Defence Policy Issues and Problems, (Lagos: Malthouse Press Ltd, 1990), p.280.

⁵³ Chipman J, The Military Balance 2002-2003: The International Institute for Strategic Studies, (London: Oxford University Press, 2002), p. 195.

⁵⁴ Chipman J, Op.Cit, p.195.

Embora algumas das marinhas possuam fragatas, corvetas e navios de patrulha capazes de policiar efetivamente as águas costeiras até os limites de sua ZEE, a maioria desses navios são antigos, mal conservados e fora de serviço. A maioria das marinhas na região são mal financiadas, falta pessoal adequado, e opera com combinação ineficiente de navios. Alguns estados GG estão atualmente a fazer esforços para adquirir mais navios da Marinha; a Nigéria comprou recentemente embarcações para patrulhamento em alto mar dos EUA, enquanto Angola e Guiné Equatorial estão adquirindo do Brasil. Apesar destas aquisições, essa tese acredita que as abordagens individuais atuais para a segurança marítima na região ainda não vão atender às necessidades de segurança da região, especialmente como algumas das marinhas na região não são capazes de adquirir novos navios.

A situação em que algumas marinhas tem novos navios, enquanto outras não os possuem, cria um desequilíbrio na disposição de segurança atual da GG, proporcionando caminhos para criminosos e terroristas marítimos poderem facilmente identificar e explorar brechas de segurança na região. Este desequilíbrio teria que ser preenchido através da cooperação efetiva entre as marinhas capazes na região. Portanto, torna-se fundamental para os Estados membros do GG a integração em um acordo de defesa e de segurança que proteja os seus interesses comuns na região. Tal defesa e mecanismo de segurança seria guiada pelos parâmetros de segurança coletiva ou a cooperação internacional. A implicação financeira deste acordo poderia ser razoavelmente compartilhada entre os Estados membros.

3.3 Organizações regionais e sua contribuição para a segurança dentro do GG

Existem duas organizações regionais com influência relevante na GG. Essas organizações são a ECOWAS⁵⁵ e a GGC.

⁵⁵ ECOWAS, em Inglês, “Economic Community of West African States”.

3.3.1 ECOWAS

Quando a crise eclodiu na Libéria no final de 1980, a Comunidade Econômica para Oeste Africano Estados, sob a liderança da Nigéria, estabeleceu o Grupo de Monitoramento da CEDEAO (ECOMOG)⁵⁶ como um grupo intervencionista. Sua intervenção na crise em 25 de Agosto de 1990 marcou uma mudança importante na prática de manutenção da paz das organizações regionais e sub-regionais. Sua importância reside no fato de que reacendeu um velho debate na África sobre a capacidade continental de responder aos desafios à paz e estabilidade. A intervenção foi quase arruinada por falta de diretrizes claras e dos princípios ou regras de engajamento para o gerenciamento de conflitos internos por parte dos governos dos Estados membros da ECOWAS. A ausência de orientações afetou os níveis operacional e tático.

Entre as razões para a falta de diretrizes claras foram as diferenças entre os interesses das nações participantes e desacordos sobre como a força intervencionista deve operar. Para estes problemas, não obstante, o ECOMOG forneceu uma resposta para aqueles que queriam que os africanos encontrassem soluções para seus próprios problemas. A ONU, EUA, Grã-Bretanha e França viram ECOMOG como um modelo a ser copiado por toda a África e outras regiões conturbadas do mundo. Esta tese acredita que o espírito de ECOMOG pode ser aplicado para melhorar a segurança marítima coletiva para no GG. Com atenção às lições aprendidas das missões ECOMOG na Libéria e Serra Leoa, a segurança marítima coletiva no GG pode ser alcançada.

⁵⁶ Ezeoba DJ, “Nigeria and the Gulf of Guinea Commission: Challenges for the Nigerian Navy”, A Research Project Submitted in Partial fulfillment of the award of pwc, NWC Course 12, July 04, p.33.

3.3.2 Comissão do Golfo da Guiné

O GGC, uma criação da Nigéria, foi criado para garantir a exploração pacífica e exploração dos recursos regionais entre os Estados membros. A Comissão, criada pelo tratado, inclui os Estados costeiros que fazem fronteira com o GG desde a Nigéria até Angola, incluindo a ilha de São Tomé e Príncipe. Seu objetivo é promover a paz e a segurança, bem como o bem-estar econômico, social e ambiental dos seus membros.

A Comissão tentou algumas medidas para a segurança coletiva que irão reduzir a probabilidade de conflitos se os esforços forem concentrados para implementar o seu mandato. No entanto, para que o GGC entre em vigor, o Tratado que institui a Comissão exige que dois terços dos seus membros o ratifiquem. Infelizmente, até 2008, apenas Nigéria e São Tomé e Príncipe haviam ratificado o Tratado. A ratificação foi impedida por disputas de fronteira entre alguns membros e a resistência por parte de outros membros, especialmente Angola, por não aceitar o papel principal da Nigéria.⁵⁷ Da mesma forma, é no registro que a subcomissão técnica da Comissão teve várias reuniões, resultando na elaboração de um plano de ação de segurança; no entanto, nem as decisões do sub-comitê, nem detalhes do plano foram implementados.

Os Estados membros precisariam ativar completamente o GGC através do desenvolvimento de bases comuns e resolver quaisquer diferenças que haja entre eles. Isto iria realizar um dos seus objetivos de criação de confiança mútua, paz e segurança propícias ao desenvolvimento harmonioso dos estados. Consequentemente, o GGC, então, seria adequadamente preparado para prevenir e resolver os conflitos emergentes da exploração econômica e comercial dos recursos naturais na região. Isto seria essencialmente alcançada através de uma cooperação estratégica multinacional entre os Estados membros.

⁵⁷ Goldwyn DL and Morrison JS, "A Strategic US Approach to Governance and Security in the Gulf of Guinea", A Report of the CSIS Task Force Gulf of Guinea Security, July 2005.

3.4 Os esforços internacionais para a segurança no GG

Embora a situação da pirataria no GG ainda não seja tão grave como na costa da Somália, as instituições internacionais estão alertando que a situação poderia piorar. Em outubro de 2008, o Representante Especial para a África Ocidental da ONU, Said Djinnit, solicitou uma resposta de segurança coletiva para o problema da pirataria no GG. Djinnit sugeriu que a ONU poderia facilitar a cooperação de segurança entre os estados do Oeste Africano e parceiros internacionais, enquanto insistia para que os EUA e a Europa fornecessem treinamento e equipamento para as marinhas africanas.⁵⁸ Um oficial sênior da OTAN observou em março de 2010 que as operações de combate à pirataria no GG foram uma possibilidade por causa da importância da área para as entregas de energia.⁵⁹

Os EUA e vários países europeus já reforçaram a sua presença militar na região. Em 2003, o Comando Europeu dos EUA (EUCOM)⁶⁰, além do seu programa de assistência da Guarda Costeira e dos cruzeiros de formação no GG, propôs um conceito abrangente de segurança para a GG. A proposta, chamada de “Gulf of Guinea Guard” (GGG), procurou abordar o extenso litoral e áreas sub-policadas da região. Esta foi a prestação de assistência na melhoria do controle de áreas litorâneas, aumento da segurança física dos portos nacionais e aprimoramento da segurança marítima coletiva e cooperativa das áreas litorâneas.⁶¹ Quando o AFRICOM foi formado, a tarefa de convencer os estados GG sobre a importância do GGG foi transferida para o AFRICOM.

O AFRICOM identificou os seus objectivos operacionais no GG, que consistiam em um sistema de vigilância marítima, um centro de controle regional marítimo e

⁵⁸ Reuters, ‘Interview – Guinea Gulf piracy needs international response’, accessed 10 June 2011, available at <http://af.reuters.com/article/beninNews/idAFLT71743420081029>

⁵⁹ Reuters, ‘Rising piracy may prompt more joint naval action: NATO’, accessed 10 June 2011, available at <http://af.reuters.com/article/topNews/idAFJOE62B0EI20100312>

⁶⁰ EUCOM, em Inglês, “European Command”

⁶¹ Reuters, ‘Rising piracy may prompt more joint naval action: NATO’, accessed 10 June 2011, available at <http://af.reuters.com/article/topNews/idAFJOE62B0EI20100312>

desenvolvimento de forças com capacidade de interdição. O Comando tem continuado a organizar exercícios de treinamento para o pessoal selecionado a partir das marinhas do GG desde maio de 2005, e o mais recente destes exercícios foi realizado em 2011. Reconhecendo a necessidade de uma abordagem holística para problemas de segurança na GG, eles defendem uma solução de longo prazo que requer a participação corporativa em investimentos socialmente responsáveis e de desenvolvimento, e estão dispostos a trabalhar com outros parceiros internacionais, como França e Reino Unido. Eles também expressam preferência a prestação de assistência a uma organização regional. Assim, este é o momento para os estados do GG aproveitarem esta oportunidade de chegar ao acordo sobre um mecanismo de segurança coletiva que conta com o apoio da comunidade internacional como os oferecidos por AFRICOM.

3.5 Os desafios à segurança coletiva no GG

Há alguns desafios, que militam contra a segurança efetiva no GG. Estes incluem a falta de cooperação marítima, a ausência de marinhas funcionais e o financiamento inadequado. Outros desafios são a instabilidade política, a percepção negativa da Nigéria e a influência externa. Há também conflitos de interesse e diversidade na linguagem, e a falta de interoperabilidade.

3.5.1 A falta de cooperação marítima

Houve a ausência de cooperação marítima definida entre as marinhas no GG apesar dos objetivos do GGC e da GGG proposta por AFRICOM. No momento, nenhum acordo definitivo parece existir para a cooperação naval regular na região. Por exemplo, exceto para

os exercícios organizados por AFRICOM, as marinhas do GG quase nunca organizam exercícios multinacionais programados. Isto implica que as marinhas no GG geralmente preferem operar independentemente.

3.5.2 A ausência de Marinhas Funcionais

Em muitos dos estados do GG faltam marinhas funcionais. Dos países no GG, um não tem marinha, 7 têm marinhas simbólicas, 5 têm marinhas policiais e apenas um tem uma marinha costeira.⁶² Isso resulta em uma incapacidade para efetivamente patrulhar e monitorar o ZEE e áreas do vasto mar do GG. Não há a renovação das frotas e por isso e os equipamentos estão obsoletos. A menos que novos navios sejam introduzidos na frotas das marinhas do GG, qualquer esforço de segurança coletiva não seria bem sucedido.

3.5.3 O financiamento inadequado

As marinhas no GG não são adequadamente financiadas para enfrentar os desafios da segurança coletiva no Golfo. Isto apesar do fato de que o aumento do perfil da região necessita uma protecção efetiva do ambiente marítimo. Há inconsistência significativa reflectida nas despesas de defesa de alguns estados no GG. Por exemplo, as atribuições de defesa para as Forças Armadas do Gabão subiu de \$120 milhões em 1992 para \$130 milhões em 1993 antes de descer a \$90 milhões em 1994 e até \$100 milhões em 1995.⁶³ Esta tendência é comum entre os estados do GG até este dia e não permite que as marinhas planejem, de forma eficaz, para a sua responsabilidade a segurança colectiva no GG.

⁶² Chipman J, Op.Cit, p.195.

⁶³ BICC Conversion Survey, 2003

3.5.4 A instabilidade política

A segurança coletiva no GG pode ser dificultada devido ao instabilidade política na maioria dos países do Oeste Africano. A região tem experimentado mais de 35 golpes e guerras civis nos últimos 45 anos, principalmente em Gana, Serra Leoa, Angola, Congo, Nigéria, Libéria, Benin, Burkina Faso e Costa do Marfim. Este desenvolvimentos, infelizmente, trazem problemas como o tráfico de armas ilegais, refugiados, soldados menores de idade, a pobreza e assim por diante. Consequentemente, haveria frequentes mudanças políticas e desvio de atenção de questões como a segurança coletiva na região.

3.5.5 A percepção negativa da Nigéria

A postura política externa da Nigéria na região, por ser corajosa e dinâmica, às vezes é percebida por outros membros da GG como hegemônica na equação política e econômica da região.⁶⁴ Esta percepção negativa faz da Nigéria um provável alvo de agressão do inimigo ou de inveja. Este fator também pode ter parado a eficácia do GGC; onde um país como Angola está igualmente competindo por influência.⁶⁵ Infelizmente, a Nigéria é o maior interessado na GG. O país, portanto, tem de encontrar uma forma de solucionar esta questão com diplomacia hábil, a fim de garantir uma cooperação eficaz para a multinacional de segurança na GG.

3.5.6 A influência externa

Há uma presença renovada de forças extra-regionais que atualmente procuram exercer uma influência dominante na GG. A maioria dos países francófonos da região tem

⁶⁴ Ezeoba DJ, Op.Cit, p.47

⁶⁵ Goldwyn DL and Morrison JS, Op.Cit, p.24.

uma base militar para as Forças francesas. Portugal também tem presença em São Tomé e Príncipe, enquanto EUA, França e China oferece treinamento e equipamentos militares para a Guiné Equatorial e Camarões.⁶⁶ O aumento das atividades da Frota do AFRICOM no Oceano Atlântico é adicionalmente óbvio. Todas as atividades desses países são destinadas a proteger os seus investimentos e manter seus interesses estratégicos na região. Estas ações podem levar a rivalidade insalubre e competição entre as "grandes potências" e também poderiam enfraquecer a determinação dos Estados da região do GG, no sentido de garantir a segurança coletiva dentro do GG se não forem conduzidas corretamente.

3.5.7 O conflito de interesses e diversidade na língua

Há quatro línguas faladas dentro do GG, nomeadamente: Inglês, Espanhol, Francês e Português. Alguns dos estados, especialmente as nações e língua Francesa, também têm pactos militares com a França. Este último é um problema que poderia levar a conflitos de interesses entre nações amigas na região. Esta diversidade de idiomas pode também aumentar a demanda política das marinhas do GG durante as interações normais, como conferências, exercícios de treinamento conjunto e com respeito às publicações. Isso precisa ser resolvido para garantir um acordo de segurança multinacional duradouro no GG.

3.5.8 A falta de interoperabilidade.

A interoperabilidade, tanto em equipamentos quanto em procedimentos entre as marinhas GG não existe no presente. As marinhas, através de um comando conjunto ou cooperação estabelecida, necessitariam desenvolver manuais de doutrina comum, ao longo do

⁶⁶ ⁶⁶ <http://www.kwenu.com>, accessed on 2 Aug 11.

tempo, a fim de aumentar a segurança coletiva. Do exposto, é evidente que alguns desafios enfrentarão os Estados membros do GG em alcançar a segurança coletiva credível. Esta é baseada no fato de que este conceito de segurança ainda está para ser adotado pelos estados dentro do GG. Por conseguinte, é necessário, nesta fase da tese, considerar o que se obteve em uma região similar como o Golfo Pérsico.

3.6 Estudo de caso do modelo de segurança coletiva no Golfo Persico

O Conselho de Cooperação do Golfo (GCC) foi formado em maio de 1981 pelo seis estados do Golfo Pérsico da Península Arábica, nomeadamente: Bahrain, Kuwait, Oman, Qatar, Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos (EAU). Ela foi formada com o objetivo de promover "a coordenação, integração e cooperação entre os Estados membros em todos os campos". Embora, nenhum dos comitês inicialmente estabelecidos tratou a questão da segurança, o comunicado final da sua primeira reunião afirmou a vontade e intenção dos signatários para defender sua segurança e independência. Ele também afirmou sua intenção de libertar a região de conflito internacional.⁶⁷

Os altos comandos militares das seis nações mais tarde se conheceram e tem havido cooperação militar significativa entre eles desde então. Eles posteriormente estabeleceram um comando conjunto e uma articulação de mecanismo de defesa área. Há também planos para desenvolver uma capacidade de produção de armas e o GCC está trabalhando com o Egito para criar uma indústria de armas pan-árabe. O financiamento das atividades GCC é suportado coletivamente pelos Estados membros.

A diferença política entre os membros do GCC tem sido o principal obstáculo para implementar a defesa do Golfo em um coletivo em vez de uma base bilateral. Isso afetou

⁶⁷ Persian Gulf States – Collective Security Under the GCC, US Congress Library.

questões como equipamentos e cooperação na área de logística, treinamento e infra-estrutura. Por exemplo, o GCC sofreu atrasos na obtenção de um acordo de cooperação em matéria de segurança interna. Isso aconteceu porque o Kuwait, o alvo principal do terrorismo, temia que o seu regime de segurança doméstica relativamente liberal pudesse ser prejudicado.⁶⁸ Outros países, então, coordenaram os seus esforços a nível bilateral até 1987, quando o Kuwait concordou com o assunto. Atualmente, os membros do GCC tem adotado políticas paralelas em deportação e restrições de viagens e compartilham informações sobre suspeitos de terrorismo e de outros crimes.

As unidades terrestres e aéreas dos Estados membros realizam regularmente, em pequena escala, exercícios de treinamento conjunto. Assistência militar também é normalmente fornecida pelos países ricos como Arábia Saudita e Kuwait para os desfavorecidos como Bahrein e Omã, para modernizar suas forças armadas. Em 1984, os ministros da Defesa GCC concordaram em criar uma força de 10.000 homens chamado “Peninsula Shield Force” (PSF), com sede em Harfar al Batin, na Arábia Saudita. É composta por uma brigada saudita e uma brigada mista com pessoas de outros estados, sob o comando de um general saudita. No entanto, a reação limitada da Força contra a invasão iraquiana do Kuwait expressou a fraqueza da Força quando confrontada com a agressão direta contra um membro da aliança por um poder muito mais forte. Isso levou o GCC a iniciar o Acordo de Damasco com o Egito e a Síria, enquanto o Kuwait posteriormente negociou um acordo de cooperação de defesa com os EUA, a Grã-Bretanha e a França.⁶⁹

Apesar de seus desafios, os Estados do GCC têm sido capazes de gerir coletivamente os seus desafios de segurança comuns. Existem exercícios multinacionais regulares entre as várias forças armadas. O GCC também foi capaz de adotar políticas de segurança paralelas e desenvolver um conceito comum para as forças armadas dos Estados

⁶⁸ Persian Gulf States, Op.Cit.

⁶⁹ Persian Gulf States, Op.Cit.

membros. O GCC, adicionalmente, estabeleceu uma Força Península apoiada com acordos de cooperação de defesa com poderes maiores. Portanto, é necessário para os estados do GG desenvolver uma cooperação multinacional semelhante a fim de aumentar a segurança na região GG.

3.7 As perspectivas para segurança coletiva no GG

No ambiente de segurança global emergente, uma potência marítima poderia desempenhar um papel cada vez mais importante nos cálculos de segurança GG. Portanto, a colaboração entre os estados GG seria um fator crucial para alcançar a segurança regional. Isso poderia ser alcançado através da: criação de um mecanismo de segurança coletiva, o desenvolvimento da capacidade humana e o estabelecimento de Centros Marítimos Conjuntos (JMCs)⁷⁰. O rejuvenescimento das marinhas do GG, uma melhor cooperação e interoperabilidade entre as marinhas GG bem como o desenvolvimento de parcerias estratégicas também podem melhorar a segurança coletiva no região.

3.7.1 O estabelecimento de um mecanismo segurança coletiva

O estabelecimento de um mecanismo de segurança coletiva no âmbito das disposições do Tratado GGC em consonância com o modelo GCC é considerada a opção mais viável para a segurança do GG.⁷¹ O mecanismo de segurança coletiva implicaria a criação de uma força de reação robusta, rápida, altamente móvel e bem integrada. A força proposta poderia ser de cerca de 10.000 homens e consistem em forças predominantemente marítimas dos Estados membros. Isso facilitaria uma defesa adequada dos interesses políticos

⁷⁰ JMC, em Inglês, “Joint Maritime Centre”

⁷¹ Ezeoba DJ, Op.Cit, p.48-49.

e socio-económicos dos Estados membros. Além do benefício da paz e segurança, a organização de defesa regional procuraria assegurar um planeamento conjunto de força, esforços coletivos, compartilhamento de encargos e agregação de recursos.

Outros benefícios incluiriam treinamento combinado, coordenação de políticas e uma estrutura de comando e controle claramente definido. Seria também reduzir as suspeitas provável quanto à intenção de um Estado membro aumentar o seu nível de capacidade militar, como seria visto para servir a um objetivo comum. De qualquer maneira, a Nigéria teria que ser a principal força no estabelecimento de um mecanismo conjunto de defesa apropriada na região sendo a nação dominante no GG em termos de riqueza, população e influência na região.

3.7.2 O desenvolvimento da capacidade humana

O fator humano é o fator mais importante em qualquer consideração de segurança. Assim, as marinhas na região necessitarão desenvolver um grupo de pessoas bem treinados, altamente motivados e bem conduzido. As instituições de formação das marinhas diferentes precisam ser atualizadas e ter pessoal adequadamente qualificadas para enfrentar os desafios da formação moderna. Os vários currículos também precisam ser revistos com técnicas orientadas em formação especializada e conceito de operações conjuntas. Este seria relevante para operações combinadas na região.

A este respeito os estados do GG tem a necessidade de buscar coletivamente um aumento de formação conjuntas para o seu pessoal pela marinhas mais fortes como os de EUA, Reino Unido, França, Brasil e Índia. Isto assegura as relações mais fortes e mais influentes com outras marinhas na região, bem como com outras marinhas internacionais. Seria também facilitar o desenvolvimento de um conceito operacional comum e, por

extensão, uma abordagem multinacional para a segurança no GG. Por conseguinte, este poderia garantir que o pessoal das marinhas do GG são melhor treinados e preparados para os desafios futuros na região.

3.7.3 O estabelecimento de JMCS

Seria necessário estabelecer um centro de coordenação para as marinhas regionais e diversas agências de segurança marítima para organizar e coordenar as atividades marítimas regionais além da Força de Segurança do GG proposta. Os JMCs poderiam ser interligados e localizados em portos importantes ao longo da costa GG. O JMCs permitiriam respostas rápidas e coordenadas entre as marinhas contra as incidentes como o contrabando, a pirataria, os desastres humanos e assim por diante. Eles seriam equipados com sistemas de vigilância marítima. Essencialmente os JMCs seriam locais para coleta e compartilhamento de informações e da inteligência a fim de melhorar a percepção situacional no GG. Isto irá melhorar o estado de prontidão da Força conjunta na proteção do ambiente marítimo do GG.

3.7.4 O rejuvenescimento das marinhas do GG

Os governos dos estados do GG teria necessidade de rejuvenescer as suas frotas a fim de ser capaz de efetivamente contribuir para um acordo de segurança coletiva dentro do GG. Assim as várias lideranças navais teriam a necessidade de iniciar programas realistas para este rejuvenescimento com base nas considerações políticas e econômicas dos seus países. A marinha rejuvenescida seria o requisito principal para a contribuição de qualquer Estado membro do GG em uma abordagem multinacional para a segurança no GG.

3.7.5 O reforço da cooperação e da interoperabilidade entre as marinhas do GG

A cooperação e interoperabilidade entre as marinhas GG poderia ser melhorada por meio de conferências, workshop, simpósios e encontros envolvendo as marinhas diferentes. Esta medida também poderá ser consolidada por meio de exercícios bilaterais ou multinacionais e visitas regulares entre as marinhas. Se essas funções forem institucionalizadas, elas melhorarão a cooperação entre as várias marinhas. Elas também poderiam dissipar todos os medos e promover a boa vontade entre os estados do GG. Consequentemente, uma melhor cooperação e interoperabilidade iria aumentar a confiança e desenvolver o ambiente certo para uma abordagem regional na segurança do GG.

3.7.6 O desenvolvimento de parcerias estratégicas

As parcerias construtivas, previsíveis e estratégicas com outros países ou poderes maiores poderiam ser desenvolvidos. Este só pode ser com os participantes que teria um impacto positivo sobre a paz e a segurança da região. Enquanto o sucesso de qualquer força de segurança multinacional exigiria cooperação entre estados, desenvolver as modalidades dessa cooperação pode ser difícil. Isto é devido à aguda sensibilidade nacional para a preservação da soberania do Estado que possa surgir. O GGC, como o GCC, poderia desenvolver parcerias estratégicas de defesa e de cooperação com poderes maiores como EUA, a França ou o Reino Unido.

Atualmente, os EUA mantêm uma presença naval considerável e contínua na região, principalmente para assegurar seus interesses estratégicos em ver que as linhas dos suprimentos da energia não sejam indevidamente ameaçadas. É também o maior parceiro

comercial para a Nigéria e Angola e um parceiro mútuo para os outros países no GG. Assim, é prudente incluir a USN em qualquer acordo que visa garantir a ordem marítima na região. No entanto, as marinhas do GG precisarão aproveitar da presença da USN através de desenvolvimento de uma parceria estratégica com ela.

4 CONCLUSÃO

Observamos que a região do GG tem sido noticiada nos últimos anos devido à seus grandes depósitos de hidrocarbonetos e outros recursos naturais. O interesse na região é intensificado pela contínua crise no Oriente Médio e da instabilidade na região do Golfo Pérsico. A região não tem pontos de estrangulamento de trânsito, oferece facilidade de transporte e menores custos de transporte. Adicionados a estas vantagens é, o petróleo da região que apresenta maiores lucros, é principalmente explorado a partir de locais no mar, a produção de petróleo é de alta qualidade e com baixo teor de enxofre, com gravidade API muitas vezes perto de 40°, e muitas vezes vem com menos riscos ambientais para os interessados.

Ao avaliar o cenário geo-estratégico no GG, foram identificadas as partes interessadas extra-regionais, bem como as ameaças emergentes marítima na região. Observamos que a região acolhe competição internacional intensa entre nações industrializadas que procuram novas, mais seguras e mais confiáveis fontes de energia e estão fazendo grandes investimentos na região. Estes grandes investimentos e atividades de transporte aumentadas tem impulsionado o perfil de receita dos Estados membros, ao mesmo tempo expondo a região a riscos de segurança.

Ao avaliar os mecanismos de segurança no GG, observamos que os Estados membros continuam a enfrentar as ameaças emergentes de forma unilateral, em vez de multilateral. Esta tese observou que essa abordagem individual por nações do GG não tem sido eficaz e sugere a segurança coletiva como uma forma viável para enfrentar as ameaças emergentes na região. A tese identificou a necessidade, por parte dos governos dos estados no GG, para fazer a segurança marítima coletiva o foco central da política. Observamos, também, os desafios para a segurança coletiva no GG.

Um dos propósitos desta tese foi explorar como as organizações internacionais com interesses na região pode ajudar na segurança coletiva da região. Na busca para alcançar este objectivo, a tese extraiu lições do regime de segurança coletiva no Golfo Pérsico que tem sido muito bem sucedido. A tese, em seguida, delineou algumas medidas que podem ajudar no desenvolvimento de um acordo de segurança coletivo no GG. Dentro destas medidas propostas são as áreas em que os estados do GG poderiam buscar assistência e parcerias internacionais no sentido de garantir uma região mais segura.

Embora esta tese preencha parte da lacuna na literatura sobre o GG, a arena da segurança marítima e a proteção do GG ainda é um território virgem e merece mais pesquisa.

REFERENCIAS

Adekeye, T. A. Ganiyu. "The Nigerian Navy in National Defense," lecture delivered at the Nigeria National War College, January 2006.

Agwu, F. "Foreign Interest in the Gulf of Guinea: Implications for National Security," lecture delivered at the Nigerian Institute of International Affairs, Lagos, 2004.

Ali, Kamal-Deen. "Legal and Policy Dimensions of Coastal Zone Monitoring and Control: The Case in Ghana," 35 *Ocean Development and International Law* Ghana, 2004.

Berger, Mark T. *The Battle of Asia: From Decolonization to Globalization*. New York: Routledge Curzon, 2004.

Biobaku, O. O. "Maritime Strategy and Strategy," lecture delivered at the Nigerian National War College, October 2005.

Boyer, Alan Lee. "Naval Response to a Changed Security Environment: Maritime Security in the Mediterranean," *Naval War College Review* 60, 3 (Summer 2007).

BP 2003 Statistical Review of World Economy in Jean-Christopher Servant. "The New Gulf Oil States," Article online; available from <http://mondediplo.com/2003/01/08oil>, Internet: accessed 1 February 2008.

Ceremi, Joseph R. and James F. Holcomb Jr. "Army War College Guide to Strategy," Article online; Available from

Cheney, Richard. "African Oil: A Priority for U.S. National Security and African Development," *National Energy Policy Report*, 16 May 2001.

Commission Économique pour l'Afrique Centrale, les Économies de l'Afrique central 2003 in Manuel Correia de Barros, "Can the Gulf of Guinea Develop a Common Regional Oil Policy," in Rudolf Traub-Merz and Douglas Yates, *Oil Policy in the Gulf of Guinea: Security and Conflict, Economic Growth, Social Development, International Conference Proceedings*, Nigerian National War College, 2004.

Correia de Barros, Manuel. "Can the Gulf of Guinea Develop a Common Regional Oil Policy," in Rudolf Traub-Merz and Douglas Yates, *Oil Policy in the Gulf of Guinea: Security and Conflict, Economic Growth, Social Development, International Conference Proceedings*, Abuja: National War College, 2004.

Dieterich, Johannes. "The Gulf of Guinea and the Global Oil Market: Supply and Demand," in Rudolf Traub-Merz and Douglas Yates, *Oil Policy in the Gulf of Guinea: Security and Conflict, Economic Growth, Social Development, International Conference Proceedings*, Nigerian National War College, 2004.

Douglas-Westwood/Infield Systems' World in Jean-Christopher Servant. "The New Gulf Oil States,"

EIA. U.S. Department of Energy (2004) in Lutz Neumann, "European Policy and Energy Interests: Challenges from the Gulf of Guinea, Oil Policy," in Rudolf Traub-Merz and Douglas Yates, *Oil Policy in the Gulf of Guinea: Security and Conflict, Economic Growth, Social Development*. International Conference Proceedings, Nigerian National War College, 2004.

Ellis, Stephen. "Briefing: West African and Its Oil," *African Affairs*. Washington, DC: Royal African Society, 2003.

Ero, Comfort. "ECOMOG: A Model for Africa," in *Building Stability in Africa: Challenges for the new Millennium*. Monograph 46. London: Center for Defense Studies, 2000.

Eze C. Osita and Rudolf Traub-Merz. "Interstate Conflict and Conflict Resolution in the Gulf of Guinea," in Rudolf Traub-Merz and Douglas Yates, *Oil Policy in the Gulf of Guinea: Security and Conflict, Economic Growth, Social Development*, International Conference Proceedings, Nigerian National War College, 2004. Food and Agricultural Organization. Annual Report 2006, United Nations Food and Agricultural Organization.

Ganova, Aglika. "European Union Energy Supply Policy: Diversified in Unity," Article online; available from

Ghosh, P. K. "Maritime Security Challenges in South Asia and the India Ocean: Response Strategies," Center for Strategic and International Studies, American-Pacific Sea lanes Security Institute Conference on Maritime Security in Asia, Honolulu: Center for Strategic and International Studies, 18-20 January 2004.

Gilpin, Raymond. "Enhancing Maritime Security in the Gulf of Guinea," *Strategic Insights*, VI no. 1 (2007).

Groove, Eric. *The Future of Sea Power*. Annapolis: U.S. Naval Institute Press, 1990.

"Gulf of Guinea Guard." *Global Security.Org*, Article online; available from <http://www.globalsecurity.org/military/ops/guinea-guard.htm>,

Hammes, Thomas X. *The Sling and the Stone: On War in the 21st Century*. MN: Zenith Press, 2006.

Ho, Joshua. "The Security of Regional Sea Lanes," *Institute of Defense and Strategic Studies*, Singapore, June 2005.

Howe, Herbert. "Lessons of Liberia: ECOMOG and Regional Peacekeeping," *International Security*, Vol. 21, No. 3 (Winter 1996-1997).

Huang, Victor. "Building Maritime Security in Southeast Asia: Outsiders Not Welcome," *Naval War College Review*, Vol. 61, No. 1 (Winter 2008).

Iheme, Chuks. "Ijaw Youths Militant Collective Action: How Rational," Unpublished Defense Analysis Course 3721 Paper, (NPS Monterey: Winter 2008).

International Institute for Strategic Studies, *Military Balance*. London: Oxford University Press, 2006.

International Maritime Bureau Statistics in Gilpin, Raymond. "Enhancing Maritime Security in the Gulf of Guinea," *Strategic Insights*, VI no. 1 (2007).

Klare, Michael and Daniel Volman. "America, China and the Scramble for Africa's Oil," *Review of African Political Economy* No. 108 (2006).

Kupolokun, M. F. "Petroleum and Security in Africa," paper presented to the Nigerian National Security Council, September 2003.

Laipson, Ellen et al. "Security Sector Reform in the Gulf." Washington, D.C.: The Henry L. Stimson Center, May 2006.

Mane, Damian Ondo. "Emergence of the Gulf of Guinea in the Global Economy: Prospects and Challenges," IMF Working Paper, Article online; available from

McGwire, Michael. *Maritime Strategy and the Sea Powers*. London: IISS Adelphi Papers, 1976.

Morris, Michael A. *Expansion of Third World Navies*. London: Macmillan, 1988.

Ndumbe, Anyu J. "West African Oil, U.S. Energy Policy and African's Development Strategies," .

Wacker, Gudrun. "China's Rise: The Return of Geopolitics," German Institute for International and Security Affairs, Berlin, 2006.

Wirtz, B. et al. *Strategy in the Contemporary World: An Introduction to Strategic Studies*. New York: Oxford University Press 2002.

Woodside, Claire. "West Africa: America's Foreign Policy Post 9/11 and the 'Resource Curse': A Head on Collision," *Journal of Military and Strategic Studies*, Vol. 9, Issue 4 (2007).

Yates, Douglas A. "Changing Patterns of Foreign Direct Investment in Oil-Economies of the Gulf of Guinea," in *Oil Policy in the Gulf of Guinea: Security and Conflict, Economic Growth, Social Development* by Rudolf Traub-Merz and Douglas Yates, International Conference Proceedings, Abuja: National War College, 2004.

Zacher, Mark W. "The Decaying Pillars of the Westphalian Temple: Implications for International Order and Governance," in James F. Rosen and Ernest Czempedi, eds., *Government without Government: Order and Change in World Politics*. London: Cambridge University Press, 1992.

Zoppo, Ciro E. "The Issues of Nordic Security: The Dynamics of East-West Politics," in *Emerging Technologies, and the Definition of National Defense in Nordic Security at the Turn of the Twenty-First Century*. New York: Greenwood Press, 1992.

ANEXO A – MAPA DO GULFO DO GUINÉ



Fonte: Enciclopédia britânica, edição 2010.

ANEXO B – A PRODUÇÃO PROJETADA DE PETRÓLEO NO GG EM BARRIS POR DIA PARA O PERÍODO 2010-2030

	Year 2010	Year 2015	Year 2030
Nigeria	3.042.000	3.729.000	4.422.000
Equatorial Guinea	466.000	653.000	724.000
Angola	2.026.000	2.549.000	3.288.000
Congo (Brazzaville)	300.000	314.000	327.000
Gabon	291.000	279.000	269.000
Cote D'Ivoire	71.000	83.000	94.000
Cameroon	72.000	66.000	61.000
DR Congo (Kinshasa)	33.000	30.000	25.000
Ghana	16.000	20.000	23.000
Total	12.059.000	13.975.000	16.242.000

Table 1: Projected Oil Production of Gulf of Guinea in Barrels per Day (2010-2030)

Fonte: Institute of International and Strategic Studies, 2010. World Energy Report – 2009.